

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO: JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 5

FORTALEZA, 15 DE MARÇO DE 1887.

SUMMARIO

Ortgem da palavra Ceará—J. CAPISTRANO DE ABREU.

Inania regia...—V. BRIGIDO;

O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de infios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.

Planos futuros—MARTINHO RODRIGUES;

Ignéz—VIRGILIO VAZEA;

A carta—J. OLYMPIO;

Da Corte—Mario;

A mulher na familia—F. CLOTILDE B. LIMA.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	28000
Semestre	48000
Anno	88000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	58000
Anno	108000

ADMINISTRAÇÃO

Bua do Major Facundo 36

ORIGEM DA PALAVRA CEARA'

RESPOSTA AO DR. PAULINO NOGUEIRA

Noticiando pela *Gazeta de Noticias*, o apparecimento do interessante livro do Sr. Cautunda relativo á historia do Ceará, alludi incidentalmente á origem deste nome veneravel. O que disse em summa foi: 1.º que as explicações dadas até agora são tão contradictorias entre si que, 2.º, seria talvez conveniente sahir

da lingua geral e procurar luzes entre as chamadas linguas tapuyas. E como em nossa provincia dominaram os Cariris, disse, 3.º, que em Cariri o nome de agua é dzu (com o d pouco sensivel e o u soando a franceza, approximadamente como o participio passado do verbo *savoir*), e que este elemento é visivel na formação de Siará, Sitiá, Siupé.

Isto que abi fica foi dito em poucas palavras, *a cavallo e di galoppo*, na expressão de *l'Italia*, e nunca julguei que tomassem-no por mais que uma suggestão. Entretanto meu illustre patricio Dr. Paulino Nogueira apanhou-o e deu-lhe as honras de uma refutação em regra.

Começa meu illustrado contendor dizendo que Siupé é tupi e Sitiá portuguez. Concedo-lhe a primeira parte, si quizer; mas contesto categoricamente a segunda. Em primeiro logar onde a tradição a que se refere S. Exc. de que nas cabeças do Sitiá iam sitiar malfeitores? Que fariam estes malfeitores em logares então despovoados? Como um infinito poderia aproveitar-se para uma designação local? Nós temos *Rodeador*, *Bebedouro etc.*; mas onde ha *Rodear* e *Beber*? A tradição pode existir, não contesto; mas estas tradições etymologicas geralmente nem um valor possuem. Na Inglaterra ha um logar chamado *Shotover* e o povo perdia-se em explicações sobre a cousa *por*

cima da qual se *atirava*. Só mais tarde um antiquario, deixando tradições e fundando-se em documentos, mostrou que a origem da palavra é *Chateau Vert*.

Admittamos que houvesse realmente os taes sitios; o nome seria provavelmente Sítio ou Sitiadouro, ou melhor Cerco, por que sitiar no sentido de assediar não é palavra que me conste seja popular em nossa provincia.

Mas estou lisonjeado de tal modo com a refutação do Sr. Dr. Paulino Nogueira q', si quizer, ceder-lhe-ei tambem a palavra Sitiá; passarei, pois, a outras provincias em que tão bem dominaram os Cariris. No Rio Grande do Norte ha o rio Siridò; em Pernambuco ha o rio Sibiró; não é visivel em ambos os casos o elemento *dzu*?

Passando agora ao fundo da questão, vejamos os argumentos do illustrado investigador cearense.

Si bem os entendo, são em summa:

1.º que os Cariris eram povos do certão, e repugna que por sua lingua fosse designado um ponto do littoral;

2.º que no mappa de Pero Coelho existe em vez de Ceará Pirangy;

3.º que Candido Mendes deixou provado que o nome de Ceará foi imposto por Pero Coelho e seus companheiros Potiguares: é portanto tupi.

Agora a resposta.

1.º E' exacto que os Cari-

ris, povoavam o interior do Brazil; mas Gabriel Soares, Anchieta, Cardim e tantos outros escriptores que S. Exc. conhece melhor do que eu, são accordes em um ponto: os primeiros habitantes do littoral eram Tapuyos que foram aos poucos rechaçados para o interior. *Muitos nomes de beira-mar ainda hoje são na sua lingua*, diz-nos Anchieta. Ainda ha poucos dias dizia-me o illustrado Dr. A. J. Macedo Soares, que agora é um dos melhores conhecedores da lingua geral: « ha certos nomes da costa do Cabo Frio que não se pode explicar pelo tupi, ex. Macahé: com certeza é palavra goitacaz ».

Que os Cariris eram originariamente povoadores do littoral prova-se directamente. E' seu costume todos os annos, diz-nos o interprete hollandez Elias Eeckman, virem para o littoral comer cajú, por que esta arvore cresce pouco para o certão. Pergunto agora: si elles fossem originarios do certão, como é que poderiam ter tomado tanto gosto por uma fructa que lá não existia? Não é claro que tal predilecção devia originar-se no lugar em que ella podia satisfazer-se?

Diz S. Exc. que os nomes do Ceará são tupis, como Jaguaribe etc. E' possível; mas selo-o-ão egualmente Cocó, Caxitoré, Muxinató, Cachocó?

2. Examinei com todo o cuidado o mappa de Pero Coelho (segundo Candido Mendes), de que existe copia no Instituto Historico, e ahi encontro o forte de S. Tiago e para o *Sul*, do lado direito, com todas as letras o nome *Siara* junto a um rio. A cousa é tão clara que não sei como Candido Mendes não a enxergou, dando assim aso a uma

inexactidão que tem sido e ha de ser muitas vezes repetida.

Ha sem duvida o nome de Pirangy, mas ao *norte* do forte de S. Tiago. Dei-me ao trabalho de medir a distancia pela escala, e é de 15 leguas. Como pode haver confusão entre dois pontos tão distantes?

O rio Pirangy fica a meio caminho entre o rio Siara e o Siupé. Por conseguinte é diferente d'aquelle e só pode ser o Cahype.

3. Reli com attenção os argumentos de Candido Mendes que, segundo o Dr. Paulino Nogueira, provam que o nome de Ceará foi dado pelos companheiros de Pero Coelho. Tenho pena de dizer que não me convenceram.

Para não entrar em grande desenvolvimento direi apenas: si, como quer o erudito maranhense, foi Pero Coelho quem poz o nome de Ceará, como é que, segundo o mesmo autor, não figura tal nome no mappa de Pero Coelho?

Continuo, pois, a pensar que Siará era o nome de um rio; que fundando-se uma fortaleza junto a suas margens, se foi chamando fortaleza do Ceará; e que este nome com o tempo se foi estendendo á capitania. O mesmo se deu em Pernambuco, em Alagoas, etc. Os indigenas não tinham termo para designar vastas extensões territoriaes. Por isso qualquer ponto em que os Portuguezes primeiro se estabeleciam é que dava o nome a toda capitania.

Devia dizer agora algumas palavras sobre a etymologia proposta pelo Sr. Dr. Paulino Nogueira, mas falta-me tempo e competencia.

Farei apenas duas considerações: as palavras de uma lingua se transformam segundo leis regulares; por con-

seguinte *Soó*, não pode dar ao mesmo tempo *Siará* e *Siupé*.

Segunda consideração: é exquisito que chamasse attenção especial no Ceará a caça que hoje é tão insignificante e que naturalmente foi-o sempre, a vista da irregularidade das estações em nossa provincia.

Por estes motivos, julgo que é no Cariry que se deve procurar a etymologia da palavra Ceará. *Dzu* já sabemos, é rio; *era* é, verde.

Não será esta a verdadeira significação: Rio Verde?

Rio, 19 de fevereiro de 87.

J. CAPRISTANO DE ABREU.

Inania regia...

Bravos de Massouah, si um véo de ardente sangue,
Que da heroica ferida ao rosto vos escorre,
Vos obriga a pender essa cabeça exangue
Essa cabeça audaz, que pela patria morre,

Sois felizes comtudo! E' doce uma agonia
A que patricia mão acaricia e affaga...

Desta, que pensa agora a vossa rubra chaga,
Na fronte branca outr'ora a cróa um sulco abria!

Não saberá talvez deitar uma compressa,
Ligar da cutilada essa reborda espessa,
A dor acalantar das noites más, febris...

Isto que vos importa, heróes de Massouah,
Si o vosso corpo, exangue e mutilado, está
Entre as patricias mãos da grande Imperatriz?...
V. BRIGIDO.

O padre Francisco Pinto

OU

A primeira catechese de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n. antecedente)

Aproveitando o ensejo, dirigiu o padre Pinto a palavra a tão brilhante auditorio, onde se achava o que havia de mais distincto entre aquellos selvagens. Com a costumada eloquencia e pericia fallou-lhes da

sua santa missão, toda de verdade e amor, principalmente em proveito dos índios, a quem queria instruir na fé da religião de Jesus Christo, para salvar-lhes a alma e garantir-lhes a paz e tranquillidade em suas terras, vivendo em amizade com os colonos, de quem receberiam ferramentas para sua lavoura, panno para se vestirem e não andarem nus como as feras nos matos, e outros muitos interesses, que o tempo e a experiencia lhes mostrariam.

Fallou-lhes igualmente do quanto elles haviam soffrido da primeira expedição, pelo que era muito natural que estivessem profundamente resentidos; mas que por taes violencias só podiam ser responsaveis os proprios autores, que aliás já haviam sido seriamente punidos, do que poderiam dar testemunho seus parentes e amigos presentes, assim como do bom tratamento que receberam dos colonos, especialmente do Governador, em Pernambuco, onde todos, fléis vassallos de El-Rei, só nutriam o desejo de fazel-os seus amigos sinceros e não escravos. Concluiu a oração, convidando-os a se aldêarem no proprio interesse, deixando a vida nomada e bellicosa que levavam em liberdade quasi bestial, sem nenhum outro resultado que fazel-os fracos e desgraçados, quando era vontade do seu soberano que fossem poderosos e felizes em paz e concordia com seus subditos.

Era a mesma linguagem sincera e eloquente, que mais de um seculo depois Bazilio da Gama repetia no seu poema *Uruguay* :

Fez-vos livres o céo; mas se o ser
(livres
Era viver errantes e despertos.
Sem companheiros, sem amigos,
(sempre
Com as armas na mão em dura guerra,
(ra,
Ter por justiça a força e pelos bos-
(ques
Viver do acaso, eu julgo q' inda fora
Melhor a escravidão q' a liberdade:
Mas nem a escravidão nem a miseria
Quer o benigno Rei q' o fructo seja
Da sua protecção.

Por fim distribuiu por todos —mimos consistentes em facas, foices, machados, thezouras, espelhos, misangas, miudezas e algum vestuario, afim de inculcar-lhes mais confiança e provocar-lhes amizade; pois já Homero dizia que os presentes agradavam aos proprios deuses.

A chuva copiosa não podia penetrar mais no seio da terra bruta do que as palavras ungidas de fé e doçura do orador sagrado no intimo d'aquellas almas de selvagens. Tudo no missionario os impressionára agradavelmente, desde seus gestos, porte, voz, maneiras e tracto, até suas vestes humildes; porem

mais do que tudo o ouvirem-no falar perfeitamente seu idioma! Por outro lado os índios, companheiros de viagem, com a maior insuspeição e competencia, confirmavam todas as proposições proferidas, exaltando as virtudes do padre, bem como a bondade dos portuguezes; e assim, como se tinha previsto, concorreram poderosamente para concluir-se do modo mais seguro, breve, duradouro e pacifico a obra da catechése n'aquellas paragens.

Nenhum dos Principaes poz a minima duvida em abraçar desde logo o catholicismo, vendo-o tão bem representado por esses *abaetés* (25). Todos despozeram-se a mudarem-se de suas tabas (26) com todas suas malocas (27) e tejupares (28) para aldêas apropriadas, sob a direcção dos padres.

Ahi mesmo levantaram-se uma capella e cruces; e a população aborigene foi destrebuida convenientemente pela aldêa, que tomou o nome de Cearà (29), substituido mais tarde pelo de Fortaleza (30), capital da Capitania.

A pequena distancia foram igualmente estabelecidas as aldêas ou missões da *Porangaba* (31), da *Pau-*

(25) *Abaeté* significa—varão illustre; de *abá* varão, homem, e *eté* superlativo das cousas incorporeas ou invisiveis boas.

(26) Quer dizer—aldêa natal, contracção de *tama* patria e *ába*, desinencia que indica o lugar onde.

(27) Significa casa de gente, corruptella de *moró* gente e *ôca* casa. Eram as melhores casas da taba. Depois, perdida a significação primitiva, deram-lhe a de multidão e até de aldêa.

(28) Corruptella de *teyi* gentalha e *upah* morada: casa da ralé, como as nossas casas de palha

(29) Refiro-me à etymologia que dei no 2.º numero desta *Quinzena*.

(30) Este nome é moderno, proveio da importancia adquirida pela Fortaleza, que fez esquecer o antigo, que aliás passou à toda Capitania e à Provincia. Vide C. Mendes, Mem. cit. Introd., pag. 15, not. 1.ª

(31) Quer dizer—belleza. Pompêo escreve—*parangaba* e dà-lhe a mesma significação; mas Candido Mendes, com a mesma orthographia, dà-lhe a significação de—padrinho, allusão ao padre Luiz Figueira; porem sem fundamento, como elle reconhece depois. O governador Barba Alardo, na sua «Memoria sobre a Capitania do Cearà», publicada na «Revistado Inst. Hist.» de 1871, pag. 262, dà-lhe uma significação não menos inaceitavel: «Aqua que se parece com cunhã bonita.» Apenas é o nome de uma cunhã bonita, que deu-o à lagoa deste sitio, e mais tarde a um poemeto de Juvenal Galeno. A aldêa passou depois à villa

pina (32) e da *Caucúia* (33).

e freguesia com a denominação de Arronches, cantada por Camões nos seus «Lusiadas», Cant. 3, Est. 55, e Cant. 8, Est. 19.

(32) Parece que Pompêo, «Dic. Top.», verbo *Mecejana*, e «Ens. Est.» Tom. 2.º, pag. 273, faz provir este nome da tribu *paupina*, que alli se aldêou; mas a tribu que primeiro povôou essa aldêa, já tendo esta o mesmo nome, foi a dos petiguáres, como assevera Candido Mendes, Mem. cit., pag. 467, not. 2.ª Neste mesmo lugar o erudito maranhense diz que *paupina* é corruptella de *Pai-Pina*, nome por que os índios conheciam o padre Pinto, cujos ossos foram ahi sepultados. Mas, que esta origem não é a verdadeira é o proprio auctor que o declara, como veremos ao diante em nota a este mesmo trabalho. Qual então a verdadeira? Na sua Mem. cit., pag. 263, o governador Barba Alardo escreve—*Pará-pão-pinna*, e traduz por—*lagoa grande redonda com páos lisos em roda*; o que é de todo ponto inaceitavel; pois, alem do mais, a *lagoa Paupina*, insignificante como é e a chama Pompêo no seu Dic. Top., não podia merecer dos índios o incabivel qualificativo de *pará* mar etc. Mas o nome *Pará-pão-pinna* faz reportar à primitiva orthographia e origem, que devem ser *paracáu* pagão e *piná* listrado ao comprido e, por ampliação, pintado ou contrafeito, talvez nome de algum cacique, que deu-o à lagoa, como a cunhã *Porangaba* deu o seu à outra lagoa da aldêa vizinha. No dominio colonial--paracáu corrompeu-se em--*parapão*, mudado o--c--em--p--, por mais euphónico ao ouvido civilisado; e, por fim, cahidas as syllabas primordiales--*pará*,-- ficou a ultima formando com o nome seguinte--*paupina*, dicção a portuguezada, euphonica e abreviada, conforme o uso dos colonos. Tambem muito natural é a mudança de *piná* *parapina*, nome portuguez e appellido de uma familia fidalga de linhagem, de Montemor, em Portugal, celebre por esse tempo pela famosa guerra que soffreu dos Jesuitas (Vide Camillo Castello Branco, Visconde de Corrêa Botelho, «Narcoticos», pag. 292 e seguinte). Era commum o uso dos colonos de a portuguezarem, abreviando, os nomes indigenas. E' assim que a parte das vizinhanças de Belém, no Pará, denominada--*Campina*, traz por origem *Capira* ou *Karipira*, nome de um chefe indigena que alli residiu (C. Mendes, «Notas para a Hist. Patr.» cit., pag. 26, not. 18). E' ainda assim que de «*jaguar tyryc*» onça de evitar ou de fugir (que é a preta, a que se deve evitar ou de que se deve fugir, por ser a mais terrivel), fez-se *tigre* (corruptella de *tyryc*), com queda do nome primordial--*jaguar*; de modo que

Tudo marchava em geral contentamento dos naturaes e não inenos dos padres, que na conversão e felicidade desses selvagens punham o maior empenho e satisfação.

Mas, perfeitamente encaminhadas as cousas, em poucos dias, era-lhes forçoso proseguir na viagem para a Ibiapaba. Aos indios não podia ser dada peor noticia. Todos os esforços invidaram para que se demorassem; mas tristes e chorosos tiveram de ceder depois de terem a certeza de que os padres voltariam o mais breve possível.

E' nos aborigenes um dos sentimentos mais profundos e sinceros o da amisade. Uma vez formado o laço torna-se indissolúvel a aliança, e resiste à desgraça assim como à prosperidade. Torna-se duplice cada homem, e vive com duas almas. Si um dos dous amigos perece, o outro não tarda a desaparecer tambem (34).

Partiram os missionarios tambem pézarosos de se separarem de tão bons amigos, a quem já amavam por affectos reciprocos com ternura de paes espirituaes. Acompanhavam-nos apenas alguns tobajãras, tupynambãs e um petiguar, que não os quiz por forma alguma deixar.

Seguiram pela costa até à enseada de Parnamirim (35), onde, fatiga-

a onça preta ficou sendo conhecida simplesmente por tigre, animal que não existe no Brazil. (Emmanuel Liais, "Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil", pag. 458.) Em nomes portuguezes tambem as abreviaturas não são menos frequentes. Por exemplo: de enchiquerador, do verbo enchiquerar, fez-se chiquerador, com queda da primeira syllaba; e de kilogramma tambem já se fez kilo com queda das duas ultimas. — Passou depois Paupina à villa e freguesia com a denominação de Mecejana, nome de um lugar limite de Portugal com a Hespanha. José de Alencar, na sua "Iracema" escreve Mocejana, e C. Mendes nas suas "Memorias" diz que o certo é--Messejana; mas a orthographia official, consagrada pelo uso, é Mecejana.

(33) Quer dizer--matto queimado, de *cáa* matto e *cáia* queimado; ou mais livremente--he. u queimado está o matto, como traduz Barba Alardo na sua Mem. cit., pag. 262. A traducção de C. Mendes, Mem. cit.--Vinho queimado, talvez aguardente—não é acceitavel; pois em todos os dictionarios da lingua---aguardente é *cauin-tatá* vinho-fogo. Accresce que a aguardente só foi conhecida dos indios depois da colonisação, antes muito da qual já existia *Caucaia*.

(34) Visconde de Chateaubriand, "Natchez", pag.

(35) Contracção de paranà rio e mirim pequeno: rio pequeno. Mas

dos, tiveram de descansar para recobrar em forças, pois d'ahi em diante começava para elles a mais penosa das viagens.

D'ahi tomaram o rumo do sertão, que tambem registra o martyrologio desses santos varões. O padre Pinto, já velho, ia carregado pelos indios em *tipoiá* (36). *Erat autem senex, et Dominus in cunctis benedixerit ei.* O padre Figueira, muito moço, caminhava a pé.

Começava por esse tempo o inverno com rigor. Si tinham agua em abundancia, faltava-lhes muitas vezes fogo para se aquecerem quando molhados; porque os indios não encontravam pau sufficientemente secco para tirarem-no com o atrito em outro pau, conforme o uso dos naturaes (37). Assim, sem roupa

em geral é o canal do rio grande que fica apertado entre ilhas (C. Magalhães, "O Selv." cit., Part. 1.^a, pag. 7); ou o canal que entra outra vez no mesmo rio donde partiu. Wappous, "O Brazil Geographico e Historico", Edic. condensada de J. Capistrano de Abreu, e A. do Valle Cabral, 1884, pag. 67, not. 1.^a E' o mesmo Parázinho (mã versão do outro vocabulo já traduzido para o portuguez o diminutivo *mirim*), pequena enseada ao norte da barra do Ceará, onde abrigam-se canoas e jangadas de pescadores. Pompêo, Dic. Top. Chamam-na vulgarmente *Paracombuco*, pela forma de uma *combuca*, que toma a enseada.

(36) Varnhagen, Hist. cit., Tom. 1.^o, Notas, pag. 458 e Lacerda, Dic. da Ling. Port., pensam que este vocabulo é africano; e Moraes, Dic. Port., que é da Angola e do Brazil. Mas Baptista Caetano, Vocab. cit., pag. 359 e 546, diz que é guarani, corruptella de *tupoi*, *tupai*, *tipói*—o que pende das coxas, do quadril, roupa pendente, camisa, saia, vestido, rede de cobrir. Concorda Costa Rubim, "Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar, na Rev. do Inst. Hist.", Tom 45, pag. 386

(37) Si bern comprehendo Julio Verne, "Ilha Misteriosa e Escola dos Robinsons", pag. 104, 105 e 123, "isto não passa de invenções de imaginação de selvagens para enganar ao pobre mundo". Mas o facto é verdadeiro, attestado ainda hoje pelos nossos sertanejos, que pelo mesmo processo tiram fogo tambem, e por autoridades respeitaveis:

Era costume do selvagem rude
Roçar um lenho n'outro com tal jeito,
Que vinha por electrica virtude
Accender lume, mas com tarde effeito.

Durão, *Caramurú*, C. 1.^o E. 25.

Lá como é uso do paiz, roçando
dous lenhos entresides porta a chama,
(ma,

para mudarem, nem onde se abrigarem, supportavam resignados grandes aguaceiros, ora por caminhos terriveis abertos a braços, ora parados por não poderem penetrar na espessa matta virgem.

Nem alimentação tinham abundante! os viveres que levavam erão poucos, e a caça rara e difficil. O que havia em abundancia era onça e cobra venenosa, que já havia matado a um indio da comitiva, e tornava o trajecto apenas praticavel à pequenas jornadas e longos intervallos.

O sentimento religioso não é certamente como os outros sentimentos, que diminuem ou se extinguem com o tempo, emudecem à vista dos perigos, desaparecem à vista das desgraças: elle pelo contrario fortalece-se com o tempo, cresce com a idade, e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas exerce a sua maior força, ostenta o seu maior poder. (38)

E' por isso que os maiores soffrimentos, longe de os amofinarem, cada vez mais robusteciam os dous apostolos peregrinos abrazados na fé de Deus e devotados ao bem da humanidade. Por aquellas mattas virgens e seculares quantos pensamentos de philosophica tristeza não lhes ensombriariam as almas candida se angelica? Seculo depois Chateaubriand traduzia-os, de um modo inimitavel, em sublimes e harmoniosas notas, na sua «Viagem à America», contada hora por hora:

TRES HORAS

«Quem pode exprimir o que se sente entrando nessas florestas tão velhas como o mundo, e que ainda podem dar uma idéa do que era a creação quando sahiu das mãos de Deus? O dia, projectando-se atraz da folhagem, espalha na profundeza da matta uma meia luz vacillante e

que se atêa nas ligeiras palhas e ligeiramente se apaga.

Bazilio da Gama, *Uruguay*, cit., *Morte de Cacambo*.

«Pois uns paúsinhos seccos esfregados concebem calor e levantam chamma», disse o visconde de Castilho na *Conversação Preambular do D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, pag. 20.

Entretanto o mesmo Julio Verne, que põe em duvida um facto tão conhecido e praticado, acredita que «às vezes, quando o algodão não está bem secco na occasião do embarque, pode haver combustão espontanea, no fundo de um porão humido que não pode ser ventilado"! Vide *O Chancellor*, *Diario do Passageiro J. R. Kazallon*, pag. 31.

(38) Conselheiro Bastos, *Meditações*.

mobil, que dà aos objectos uma grandeza phantastica. D'ahi a pouco a floresta torna-se mais sombria, a vista apenas distingue troncos, que se succedem uns aos outros, e que parecem unir-se alongando-se. A idéa do infinito apresenta-se ao meu espirito.

MEIA NOUTE

«O fogo começa a se extinguir, o circulo de luz se retrahê. Escuto; uma calma sinistra pouza sobre a floresta; dir-se-ia que os silencias succedem aos silencias. Procuo de balde ouvir nesse tumulto universal algum rumor, que revele a vida. Donde vem este suspiro? De um dos meus companheiros; elle queixa-se mesmo dormindo. Tu vives, logo tu soffres: eis o homem.

UMA HORA

«Eis o vento; deslisa pelo cimo das arvores; agita-as, passando sobre minha cabeça. Agora como a vaga do mar que se quebra tristemente sobre o rochedo. Os murmurios accordam os murmurios. A floresta é uma harmonia. São os sons graves do orgão que eu ouço, enquanto sons mais ligeiros erram nas abobadas de verdura? Um curto silencio succede. A musica aerea recommença; por toda parte doces queixumes, rumores que encerram outros rumores; cada folha falla uma linguagem differente, cada raminho de relva modola uma nota diversa. Uma voz estrepitosa echôa; de todas as partes da floresta, os morcegos, occultos sob as folhas, soltam cantos monotonos; julgo ouvir dobres de finados, ou o triste reboar de um sino. Tudo nos inspira uma idéa da morte, porque esta idéa está no fundo da vida.»

Pela Paschoa avistaram a magestosa serra da Ibiapaba (39), para elles verdadeira Chanãan ou Terra da Promissão, tanto para se refazerem do necessario à subsistencia, como para tratarem da salvação de tantas almas, precisas do pasto espiritual.

Afinal, depois de sete mezes de sua partida do Recife, chegaram ao desejado platô da serra, mais mortos do que vivos.

Eram elles igualmente os primeiros padres que o galgavam, sem sup-

[39] E' um dos vocabulos indigenas, que mais interpretações tem tido: mas a verdadeira é—*terra tallhada*, que lhe deu o padre Vieira na sua "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba", Cap. 8, pr. Com effeito, da banda em que fica a costa é quasi inacessivel; porque, cortada como a prumo, parece uma muralha, fabrica da natureza, e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista. Padre José de Moraes Hist. cit., Cap. 4.

por, mas tambem sem temer o padre Pinto, que ella lhe fosse de partibulo e tumulto, victima d'aquelles mesmos, cuja felicidade procurava com sacrificio da propria vida!



Planos futuros

Eram primos-irmãos; ambos creanças, Louros, garrulos taes como a jandaia; Vivos, rosados, innocentes, puros Como a neve dos cimos do Hymalaia.

Conversavam baixinho, alegres, rindo A' sombra do vetusto castanheiro, Ella—em bonecas, modas e vestidos, Elle—em amores, glorias e dinheiro.

«Quando eu for grande comprarei palacios, Q' hão de offuscar os «outros» com seus (brilhos,»

Elle dizia e ella lhe responde: «Onde havemos viverco os nossos filhos.»

MARTINHO RODRIGUES.



Ignez

(A HORACIO DE CARVALHO)

Talvez não a conheças.

E' bella e tentadora como um fructo maduro.

Os seus olhos negros, de uma humidade veludosa e casta, têm o fulgor magnifico dos diamantes pretos.

Nos seus labios vermelhos, gordos, artisticamente abertos n'um rosto illuminado de sympathia e bondade, cheio d'aquella pennugem suavissima dos pecegos, paira constantemente um sorriso alegre de virgem feliz, que exhibe esplendidamente uma fila lapidada de dentes branquissimos. e terminam em duas covinhas adoraveis e provocantes.

Habita uma casinha a beira-mar, á direita da estrada branca e larga, que se estende para o centro até a montanha.

A vida d'ella é travessear pelo campo em demanda de ninhos e flores, ou correr pela praia, de sáias nos joelhos, enterrando os pés na areia limpada. com as pernas bem feitas mergulhadas na caricia espumosa das ondas.

E' uma borboleta.

Apesar dos seus dezoito annos e da florescencia exuberante e perfumosa da sua carnção olympica, ella vive n'uma despreocupação ingenua, n'uma buliciosidade infantil, como um rapaz creado á solta, na fecunda liberdade do campo.

Admiravel!--na sua belleza correcta e desapertada de rapariga aldêiã, medrada na saude intensa, na tranquillidade feliz dos vegetaes que espalham frescura e vida.

E' uma especie de densa jovem, cheia da resplandecencia alegre do sol.

Si chegares a vê-la, algum dia, com oerteza não resistirás ao desejo aguilhoante de contornal-a, aquarellal-a ás pressas, n'uma pequenina lamina azul de prósa quente, artistica e lampejante, como eu procurei fazer agora, em linhas doces e cantantes como uma orchestra,—para depondural-a depois, sobre a meza da escripta, no teu gabinete de artista moderno, como uma recordação viva e saudosa dessa rapariga galante.

VIRGILIO VARZEA.

A CARTA

A MARTINHO RODRIGUES

Agora de emoção sinto-me cheio!
E são tantas etaes que até receio,
Que de prazer o coração se parta...

M. RODRIGUES.

Afinal recebi tua cartinha
Ha tempos esperada anciosamente,
De tua propria mão entregue a minha,
Tirada de teu seio, ainda quente.

Imagina, querida, a felicidade
Q' não senti n'est'hora!... Oh foi infinda...
Quanto mais eu beijava-a mais vontade
Eu tinha de beijal-a mais ainda!

E assim horas e horas esquecido
Eu passei a relêr, embevecido,
Linha por linha, flor, continuamente...

Em fim, para dizer-te o que sentia,
Si alegria tambem matasse a gente
Eu creio que n'est'hora morreria.

J. OLYMPIO.

DA CORTE

19 FEVEREIRO—89.

Fundou-se no dia 12 d'este mez o Gremio de Letras e Artes, uma assembléa que era de grande necessidade, em que semanalmente se reunirão os associados, para assistir a leitura das peças novas, e para tomar parte em palestras utilissimas. O Gremio pretende, alem d'isto, auxiliar aos escriptores nacionaes que não tenham recursos para a publicação dos seus trabalhos. Ali, têm entrada todas as formas de sentir as manifestações da arte. E, uma coisa que anima a muito esperar d'elle, perdõem-me a superstição, é que foi fundado no Club Tiradentes.

A directoria ficou composta dos Srs. Machado de Assis, Cyro de Azevedo, Rodolpho Bernardelli, Valentim Magalhães, Belmiro de Almeida, e supplentes os Srs. Miguel Cardoso, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, sendo secretario geral o Sr. Paula Ney.

Contam que ao partir para a Europa, um joven pintor brasileiro, pensionado pela academia de bellas-artes, e a quem chamaremos de Simplicio, ouvira de um jornalista, critico-artístico da terra, o seguinte :

— *Volta um Raphael, meu caro.*

Ao que o pintor acudiu :

— *Deus me livre de tal cousa, eu desejava voltar um mesmo Simplicio.*

Não entende assim o Sr. senador E. Taunay. S. Exc., como musico, escreve *Chopinianas*, como romancista escreveu uma lamartinada a que chamou «*Innocencia*», e agora escreveu um drama *Amelia Smith*.

Não diz como o poeta :

«*Mon verre n'est pas plein,
Mais je veux boire dans mon verre.*»

E quando deseja dizer isso, ou por outra, quando quer dizel-o, escreve umas inverosimilhanças, como o typo principal do seu drama. Amelia é um protótypo de honradez e de virtude, de character, de dignidade, um exemplo de amor conjugal, de amor filial, de educação, a par de um protótypo da venalidade, do interesse baixo, da adultera capciosa e conscienciosa do seu rebaixamento social, da mulher que tem consciencia que foi comprada por uma lettra de 2 mil contos.

A par desta complicação de uma protogonista de 3 characteres, como bem faz sentir o Sr. Alberto Torres, em sua apreciação publicada na *Vida Moderna*, as scenas se desenrolam sem observação e sem fundo algum de verdade.

No 3.º acto por exemplo, Amelia Smith, n'uma reunião em sua casa, um palacete situado no bairro mais aristocratico da corte, e na presença de uma infinidade de convidados do *high-life*, a *élite* da sociedade elegante, dirige-se a uma amiga que entrara em sua casa para interpellal-a sobre o motivo por que não foi convidada, ao que a protogonista responde :

« Não convidei-a porque a senhora não tem um procedimento correcto e podia manchar a minha casa », — entende-se isto da resposta que Amelia dá.

E' incrível que uma senhora da alta aristocracia e bem educada tenha em tão pouco a presença de cavalheiros distinctos e senhoras não menos !

E assim é o mais do livro, pelo menos assim o entendi da rapida leitura que fiz d'elle.

Rodolpho Bernardelli já fez exposição do tumulo de José Bonifacio e do projecto do monumento a José de Alencar.

A impressão foi a que o publico esperava do auctor do *Christo e a Adultera*,

Estou habilitado a dizer que a subscrição para o monumento de José de Alencar não está concluida, como disse na minha primeira carta. Será muito honroso para os cearenses que se conclua no Ceará mesmo a subscrição, a que faltam oito contos.

Creio que não precisará uma justificação esta proposta feita das columnas d'*A Quinzena*.

Agita-se presentemente uma questão de competencia critica entre o redactor artistico d'*O Paiz* e o Sr. Miguel Cardoso, critico musical da *Semana*, e professor de musica da Escola Normal da corte, auctor da *Grammatica*. E' triste, pois de lado a lado ha *paixão e parti-pris*. O illustrado Fétis, critico musical da *Vida Moderna*, aconselhou-os a acabar essa pendencia.

O Sr. Miguel Cardoso lançou um repto para um duello artistico, apresentando padrinhos idoneos, repto que foi repellido pelo critico d'*O Paiz*, que continua com uma analyse, a maior parte das vezes sophistica, da *Grammatica Musical*, producção do seu antagonista.

O maestro Migùez acaba de compor uma bellissima sonata para piano e violino. Todas as partes estão tratadas com a correcção e delicadeza exigidas em uma peça deste character e forma. E' uma peça que por si é bastante para fazer respeitar o seu auctor em qualquer parte, como um musico inspirado e sabio.

Espera-se que brevemente seja permittido á curiosidade publica este novo trabalho do distincto brasileiro.

Aluizio de Azevedo e Olavo Bilac traduzem para o beneficio do Vasques—*O Roi s'amuse*, de Victor Hugo.

Aluizio é naturalista, impressionista e poeta como Zola. Olavo Bilac tem a elegancia da phrase propria de Theodoro de Banville; portanto, com estes elementos do talento, espera-se com muita probabilidade um *chef d'œuvre* de traducção elegante. A traducção é em verso.

O Sant'Anna dará depois do carnaval, a *Tutinegra do Templo* opera comica militar tradusida pelo Garrido.

A nova revista de Oscar Pederneiras, *Zé-Carpóra*, tem sido uma grande fonte de receita para o Principe Imperial. E' um trabalho muito leve, despretençioso, alegre, pilherico e rico de observação.

Pelo carnaval irá uma nova comedia á proposito intitulada: *Ha alguma differença?*

A *Familia Fantastica* continua a fazer a alegria dos espectadores do Recreio e do Dias Braga.

28 DE FEVEREIRO.

Tivemos um excellente carnaval, dizem todos. E de certo não foi máo. Simplesmente continúa como nos annos anteriores, isto é,—préstitos imensos, dos quaes não se poder bem apreciar o conjunto; porque as ruas percorridas são as mais estreitas da cidade. Assim o publico, apertado entre um *carro de Ideia* e as paredes das casas, mal pôde ver e entender o espirito das

criticas, que a maior parte das vezes teem um quê de ferino, agudo, um quê desgostante, que dá aso ao estrangeiro de pensar mal do nosso espirito satyrico. A meu ver, o prestito perde, visto que só o podemos apreciar por fracções.

Os carros symbolicos são piutados scenographicamente, as figuras que os adornão e povoam são feitas de papelão, e por artistas mediores, ou menos que isto, pois fazem umas mulheres musculosas como um carroceiro, altas como um couraceiro de Frederico o Grande, com umas cabeças tão insignificantes de belleza e forma, como em proporção para com o todo. E' de máo effeito, com o luxo que apresentão as sociedades carnavalescas, sentir esta falta de esthetica que tanto desagrade. Os *pensamentos, as ideias* destes carros symbolicos, sempre são muito aproveitaveis, mas a execuçãõ é de um máo gosto incrível. Oxalá que (um principio de economia artistica) dispendessem menos nos prestitos e mais nos assumptos de arte. Que apresentassem cousa mais digna de um espirito artistico, que houvesse, em summa, menos pompa, e mais arte.

O espirito satyrico, porém, devia ser mais cultivado, mais frequente e menos offensivo de parte dos Srs. das sociedades.

Sou muito affeito a estes divertimentos publicos, e trabalharia sempre para dar-lhes vida, se isto lhe faltasse.

Os Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio estão escrevendo uma nova revista do anno passado e a que intitularam *Mercurio*. Confiada, como está, a actores do merito de Cenira Polonio, Bahia, Colás

e outros, é de esperar uma bõa execuçãõ.

O *Paiz* de hoje (28) em sua correspondencia da Italia, trata da nova opera de Verdi, *Othello*. Um verdadeiro successo, e mais que isto, uma nova epocha em a musica dramatica moderna, que estava tão decahita. Verdi creou uma nova forma, mostrou uma nova phase do seu talento, não incanecido apesar dos seus 74 annos; exuberou uma frescura de inspiraçãõ, de ideias tão extraordinarias sobre o eclectismo musical, que a sua nova opera é um acontecimento artistico quasi ignal ao de *Ernani*, de Hugo, e a de *Madame Bovary* de Flaubert.

Em continencia, pois, deixai entrar o *Othello*!

Preparam aqui uma nova edicção, illustrada, do *Guaranhy*. Dos artistas a quem estão confiados as illustrações só podemos esperar um digno trabalho. Prefacia esta edicção o mestre, Machado de Assis. O que se deve dizer ao saber o nome do prefaciadõr do mimoso poema em prosa?

E leitor que responde, nós dispensamos-nos disto.

Ha alguma differença! — E' esta phrase interrogativa a ultima *tolice—banal* inventada por um espirito chato, e que fez echo em toda a cõrte e talvez fóra d'ella. Sem espirito e sem razão, achou dois rapazes considerados talentoso, que tomaram-na como titulo de uma *comedia á proposito*, que foi a scena no sabbado, 25.

Tem a palavra o *Diario de Noticias* sobre o merito desta peça:

«O insulto baixo, em linguagem rasteira de espelunca, a allusão torpe, o dito usa-

do nas estalagens, que se completa por uma pornographia, a descompustura sem véo, a immoralidade sem folha de parreira, a tolice desengraçada e um churilho de asneiras, formando uma cousa impossivel e sem nexo, nem disposições theatraes, eis o que representou-se hontem na Phenix, com o consentimento da policia e do CONSERVATORIO DRAMATICO, presidido por um homem sério, que tem a seu lado uma brilhante intelligencia e que pertence aos dois mundos, das artes e das letras ! »

Não convem mais dizer nada, ou antes, convem notar uma circumstancia. O Publico, que é avido de escandalos e ditos apimentados, de pernas e *cancans*, pateou. Estão suspensas pela policia as representações.

Quando terá este esperancoso Brazil uma litteratura dramatica ?

MARIO



A MULHER NA FAMILIA

E' no lar, santuario intimo de seus mais puros affectos que a mulher deve ostentar verdadeiramente a bondade e ternura de seu coração, tornando-se o anjo da guarda do esposo e dos filhos e lhes inspirando o bem e a virtude.

A natureza dando á mulher uma constituição fraca e um temperamento nervoso não a destinou a vida da lucta, no seio da sociedade, entregue ás agitações e ao afan dos negocios; reservou-a como uma reliquia mimosa para a familia, para aformosear este pequeno mundo intimo, onde ella tem de exercer sua benfazeja influencia no triplice papel de filha, esposa e mãe.

Com effeito, si ella ultra-

passando o limite que lhe foi traçado por mão sabia e previdente atirar-se ao torvelinho do mundo, entregando-se á vida tumultuaria que só compete ao homem, gastará as forças e cairá extenuada sob o peso da difficil tarefa que empreendera, sem ter realisado o ideal que aspirára e conhecendo talvez muito tarde que não era este o seu papel.

Ha flores que se desenvolvem na liberdade do campo; ha outras, porem, que apenas nos limites de um jardim e cultivadas por mão habil podem crescer e desabrochar.

A mulher assemelha-se a essas ultimas flores, e no recinto da familia, cercada dos cuidados dos entes que a idolatram, e por sua vez enchendo-os de desvelos e solitudine é que pode mostrar a exuberancia de seu coração e a beleza de sua alma.

Houve, porem, mulheres que se immortalisaram por feitos gloriosos e que a historia nos apresenta como verdadeiras heroínas.

Desde os mais remotos tempos, quando a humanidade no embryão da civilisação luctava ainda com as trevas do obscurantismo, a mulher surgiu illuminada por um esplendor divino patenteando o poder e a força irresistivel de sua fraqueza.

Todos os vultos femeninos que admiramos na historia antiga podem hombraear com as heroínas da meia idade e com as mulheres celebres da nossa epocha, nas quaes a civilisação imprimiu um beijo de luz.

Si Judith embebeu na garganta do oppressor dos judeus o punhal homicida, Roland emmaranhou-se na politica para destronisar um rei pnsillanime e aclarara França com

o sol da liberdade, e servindo-se do gladio de sua penna inspirada com ella acutilou o despotismo e a tyrannia.

Seria longo repetir os nomes dessas mulheres que se immortalisaram, mas não teremos entre nós outras heroínas eguaes a essas que arrastadas pela força do genio se atiraram na arena da lucta por amor de uma idéa, ou pelo fanatismo de uma causa ?

Sem sahir da doce obscuridade do lar não poderá certamente a mulher figurar na historia, ao lado do homem como o prototypo de virtudes civicas; porem que melhor celebridade para ella do que reviver eternamente no coração de seus filhos adorada, reverenciada como um modelo de virtudes e boas qualidades ?

Que melhor gloria do que educar futuros cidadãos que saibam honrar a patria e engrandecel-a com o merito que sempre resulta das boas acções ?

Na familia é a mulher a companheira do homem, a educadora dos filhos.

Portanto não deve esquecer nunca que della dependem a felicidade e o futuro das tenras creaturas que nella se revêm como em um espelho que deve reflectir as mais bellas e puras imagens; que lhe cumpre velar incessantemente para desenvolver o bem n'aquelles corações ingenuos e inexperientes, procurando todos os meios para depositar nelles o germen que deverá produzir no decurso da vida bons e salutaes fructos.

Uma mãe lê na alma dos filhos com uma perspicacia verdadeiramente admiravel.

F. CLOTILDE B. LIMA.

(*continúa.*)